

**A fé evangélico-luterana como fator de
resiliência para os imigrantes pomeranos no Brasil**

**The Lutheran Evangelical Faith as a Resilience
Factor for Pomeranian Immigrants in Brazil**

Scheila Roberta Janke¹

RESUMO

Ao longo da história de imigração no Brasil, neste caso com destaque para os imigrantes pomeranos, a fé evangélico-luterana atuou um fator de resiliência na superação de adversidades. A inexistência de uma organização eclesial e social nas zonas de colonização não impediu que este grupo se adaptasse e assumisse a responsabilidade pela solução de problemas e para a preservação de sua fé através da atuação leiga e do engajamento na edificação de comunidades. No cultivo de sua fé os imigrantes pomeranos em três Estados aqui analisados, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Espírito Santo, encontraram força para superar as diversas dificuldades que surgiram ao longo do tempo e para organizarem seu ambiente social de acordo com o modelo que conheciam. O isolamento geográfico e social a que estavam submetidos infelizmente comprometeu um gradativo aprendizado da língua portuguesa e a integração à sociedade brasileira. Sendo assim, as medidas de nacionalização do Estado brasileiro e a perseguição aos imigrantes de fala alemã e pomerana trouxeram grandes empecilhos à vida comunitária e de fé desse grupo. No entanto, mais uma vez a fé evangélico-luterana atuou como fator de resiliência na superação de adversidades e na busca por alternativas de adaptação. Ela se manteve viva acima do aspecto étnico e fortaleceu-se

¹ Doutoranda em Teologia na Georg-August-Universität-Göttingen, Alemanha.

através das adversidades, desenvolvendo-se também em novos contextos de migração como um importante fator de resiliência diante de novos desafios.

PALAVRAS-CHAVE

Pomeranos; Adversidades; Resiliência; Fé evangélico-luterana.

ABSTRACT

Im Laufe der Imigrationsgeschichte in Brasilien, hier insbesondere die pommerschen Einwanderer, wirkte der evangelisch-lutherische Glaube als Resilienzfaktor bei der Überwindung von Schwierigkeiten. Der Mangel einer kirchlichen und sozialen Organisation in den Kolonisationsgebiete hinderte diese Gruppe nicht bei der Anpassung und Verantwortungsübernahme für die Lösung von Problemen und bei der Bewahrung ihres Glaubens durch die Laintätigkeit und das Engagement im Gemeindeaufbau. In der Pflege ihres Glaubens fanden die pommerschen Einwanderer in den hier betrachteten Staaten, Rio Grande do Sul, Santa Catarina und Espírito Santo Kraft, um verschiedene Schwierigkeiten, die im Laufe der Zeit entstanden sind zu bewältigen und ihre soziale Umwelt entsprechend dem von ihnen bekannten Muster zu organisieren. Die geographische und soziale Isolierung, der sie ausgesetzt waren, beeinträchtigte leider eine allmähliche Erlernung der portugiesischen Sprache und die Integration zur brasilianischen Gesellschaft. So brachten die Nationalisierungsmaßnahmen des brasilianischen Staates und die Verfolgung von Einwanderer deutscher und pommerscher Sprache große Hindernisse für das Gemeinde- und Glaubensleben dieser Gruppe. Wieder wirkte jedoch der evangelisch-lutherische Glaube als Resilienzfaktor bei der Überwindung von Widrigkeiten und bei der Suche nach Anpassungsalternativen. Er erhielt sich lebendig über den ethnischen Aspekt hinaus und stärkte sich durch die Widrigkeiten, indem er auch in neuen Migrationskontexte sich als einen wichtigen Resilienzfaktor angesichts neuer Herausforderungen entwickelte.

SCHLÜSSELWÖRTER

Pommern; Schwierigkeiten; Resilienz; Evangelisch-lutherischer Glaube.

O que é resiliência

O termo *resiliência* pode ser mais bem compreendido com a ajuda de uma parábola, que descreve um comportamento resiliente e ao mesmo tempo uma atitude não-resiliente:

Um pesquisador ficou sabendo de dois gêmeos, que como adultos não podiam ser mais diferentes um do outro: um era executivo bem sucedido, o outro desempregado e alcoólatra. O pesquisador se dirigiu primeiramente ao alcoólatra para saber qual seriam os motivos do seu destino. “Meu pai era alcoólatra e desempregado, minha mãe era alcoólatra e prostituta – eu não tinha chance”, respondeu ele resignado e cheio de repreensão. Logo em seguida o pesquisador se dirigiu ao executivo. “Isto deve estar claro: meu pai era alcoólatra e desempregado, minha mãe era alcoólatra e prostituta – eu não queria terminar desse jeito”, retrucou ele com um olhar brilhante².

O termo resiliência provém do latim *resilire*, que significa dar um salto para trás, recuar, ou retornar a um estado original. A pesquisa moderna sobre resiliência utiliza, no entanto, a compreensão anglo-saxã do termo inglês *resilience*, traduzido como elasticidade, capacidade de lidar com tensões, cargas e dificuldades. A partir dessa terminologia a psicologia definiu resiliência como capacidade de uma pessoa vencer fortes cargas psíquicas, riscos de desenvolvimento e traumas sem maiores danos ou riscos para um desenvolvimento sadio, contrariando todas as expectativas projetadas sobre pessoas expostas a situações adversas³. Trata-se ao mesmo tempo da capacidade de tirar o melhor possível de cada situação de sofrimento e, além disso, crescer e deixar-se enriquecer através delas⁴. Desse modo o conceito de resiliência contém em si não apenas processos de enfrentamento e possibilidades de desenvolvimento, mas também elementos transformadores. No enfrentamento de dificuldades atuam características pessoais juntamente com fatores ligados ao meio-ambiente

² Cf. ITIN, Peter. *Salutogenese und Resilienz*, p. 1. Tradução própria.

³ ZANDER, Margherita; ROEMER, Martin (Org). *Handbuch Resilienzförderung*, p. 9.

⁴ WALSH, Froma. Ein Modell familialer Resilienz und seine klinische Bedeutung. In: WELTER-ENDERLIN, Rosmarie; HILDENBRAND, Bruno (Org). *Resilienz – Gedeihen trotz widriger Umstände*, p. 43.

como fatores resilientes. Segundo Welter-Enderlin, resiliência é a capacidade de pessoas (...) vencerem crises no ciclo da vida, recorrendo a recursos pessoais e sociais (do meio ambiente) e utilizando-as como oportunidade para o desenvolvimento⁵.

Pessoas com capacidades resilientes não são heróis ou heroínas, que jamais serão atingidas por intempéries e adversidades na vida. E diferentemente do que o conceito de *retornar a um estado original*, que a tradução do termo latino deixa transparecer, nenhuma pessoa que enfrenta adversidades retorna a ser exatamente o que era antes. Esse aspecto é particularmente enriquecedor na pesquisa sobre resiliência, pois ele parte do pressuposto de que pessoas com capacidades resilientes desenvolvem as mesmas não só apesar das dificuldades, mas também por causa delas. É a pessoa que configura sua própria vida e decide que comportamento ou estratégia adotar no enfrentamento de uma situação adversa. Resiliência não é uma característica pessoal, com a qual algumas pessoas nascem e outras simplesmente não. Ela é uma grandeza variável, dependendo da situação, do contexto, dos recursos pessoais e sociais disponíveis e de determinada fase da vida de uma pessoa. Além disso, ela não é uma capacidade absoluta, que uma vez adquirida sempre garantirá que a pessoa vá conseguir superar positivamente todos os infortúnios⁶. As pessoas podem adotar uma atitude resiliente diante de uma crise em um determinado momento de suas vidas e diante de outra adversidade apresentar um comportamento não-resiliente.

A fé como fator de resiliência

Estudos sobre resiliência na área da Psicologia do Desenvolvimento⁷ indicam que uma fé religiosa no âmbito familiar, bem como sistemas de

⁵ WELTER-ENDERLIN, Rosemarie. Einleitung: Resilienz aus der Sicht von Beratung und Therapie. In: WELTER-ENDERLIN; HILDENBRAND, Idem, p. 13.

⁶ Cf. WUSTMANN, Corina. *Resilienz. Widerstandsfähigkeit von Kindern in Tageseinrichtungen fördern*, p. 30-32.

⁷ Com destaque para o estudo longitudinal pioneiro de Werner e Smith na Ilha havaiana de Kauai. Este estudo analisou 698 indivíduos em diferentes faixas etárias e comprovou que um terço destes, nascidos em situação de risco, se desenvolveu normalmente,

apoio em uma comunidade religiosa, em grupos de jovens ou na escola e uma vivência pessoal de fé atuam como importantes recursos para o desenvolvimento positivo de uma pessoa. Juntamente com outros fatores sociais (amizades, pessoas de referência, trabalho, escola etc.), familiares (ambiente familiar estável, saudável e sem conflitos, estabilidade financeira, segurança) e pessoais (autoconfiança, temperamento positivo, capacidade de lidar com problemas e resolvê-los etc.) a fé assume um papel fundamental no enfrentamento de adversidades e crises. Ela é entendida como fator de resiliência porque traz sentido à vida, fortalece a esperança e, juntamente com pessoas que compartilham da mesma fé permite a construção de redes sociais de apoio. Frequentemente indivíduos em crise encontram em grupos eclesiais ou religiosos um círculo de amizade ou pessoas, que assumem uma função protetiva em meio às dificuldades. Pessoas que se engajam em projetos eclesiais e sociais vivenciam, por sua vez, uma mudança ou percebem que através desse engajamento sua vida ganha mais sentido. Da mesma forma a fé auxilia na recuperação mais rápida e eficiente e no enfrentamento mais eficiente de doenças⁸, reveses e traumas.

Especialmente em meio às situações adversas experiências e vivências de fé são despertadas ou reativadas⁹. Nesses momentos as pessoas se apegam a textos ou versículos bíblicos, hinos ou orações (muitas vezes aprendidos na infância, com a família). Elas precisam desses impulsos renovadores e fortalecedores de fé para poderem ativar novamente sua

apesar das situações adversas a que foram expostos. Entre os fatores que contribuíram para esse desenvolvimento foram citados a existência ou conversão para uma fé religiosa, a participação ativa em uma comunidade de fé e a amizade entre membros desta comunidade religiosa. Veja WERNER, Emmy E. Wenn Menschen trotz widriger Umstände gedeihen – und was man daraus lernen kann. In: WELTER-ENDERLIN; HILDENBRAND, Idem, p. 33-35. Outros estudos realizados para medir fatores de proteção e de risco no desenvolvimento de uma pessoa ver WUSTMANN, Corina: *Resilienz*, p. 86-119.

⁸ Ver os trabalhos de BARTOLOMEI, Mônica. *A fé como fator de resiliência no tratamento do câncer*, e AMARO, Luana da Silva. *Resiliência, religiosidade e sentido de vida em mulheres com câncer de mama*.

⁹ Mais sobre esse tema em PECHMANN, Burkhard. Resilienz gegen Ende des Lebenslaufs oder Woher kam die Kraft?. In: SEDMAK, Clemens; BOGACZYK-VORMAYR, Małgorzata (Org.) *Patristik und Resilienz. Frühchristliche Einsichten in die Seelenkraft*, p. 121-137.

capacidade resiliente em contato com Deus. Nesse sentido os ritos de passagem são particularmente importantes, pois rituais ajudam pessoas a expressar ou canalizar seus sentimentos. Eles assumem, por assim dizer, uma função estabilizadora e principalmente consoladora. Foi justamente o anseio pela realização de ofícios eclesiásticos (batismo, confirmação¹⁰, bênção matrimonial e sepultamento) e pela celebração de cultos dominicais nas colônias em que as famílias pomeranas foram estabelecidas que serviu de motivação para que elas se organizassem em comunidades domésticas, ainda que de forma provisória, de acordo com os recursos que estavam à sua disposição.

Motivos que levaram os pomeranos a emigrarem

Durante vários anos a Pomerânia foi palco de inúmeras guerras e conflitos que reconfiguraram o mapa da Europa e devastaram o seu território, ocasionando fortes prejuízos econômicos e sociais e tornando as classes mais baixas cada vez mais dependentes dos grandes latifundiários feudais. Entre os anos de 1807 e 1816 foi decretada a supressão do regime feudal e os senhores feudais podiam vender ou arrendar parte de suas terras para os agricultores, que sobre elas moravam. Mas as inúmeras concessões feitas aos senhores feudais, a falta de condições de muitos camponeses de pagarem por essas terras ou o endividamento de outros ocasionaram a perda de quase todas as terras cultivadas pelos mesmos. Para eles só restava trabalhar como diaristas para os latifundiários ou se juntar à massa de deserdados que se aglomeravam nos grandes centros industriais da Europa¹¹, os quais já estavam saturados por causa do

¹⁰ A confirmação representava para as famílias pomeranas o rito de passagem da infância para a vida adulta. Com o culto de confirmação encerrava não apenas o período de ensino confirmatório, no qual os jovens eram iniciados na doutrina da igreja evangélico-luterana e que utilizava como base as principais fontes de sua fé: a Bíblia, o hinário e o Catecismo Menor de Martin Lutero. Ele marcava também o fim do período de instrução escolar. No culto de confirmação os jovens participavam pela primeira vez da Santa Ceia (Eucaristia), confessavam a fé em que foram batizados e assumiam o compromisso de serem membros fiéis da igreja.

¹¹ CLEMENS, Lieselotte. *Die Auswanderung der pommerschen Altlutheraner in die USA*, p. 65.

grande crescimento populacional agravado com o movimento de migração interna. A Revolução Industrial permitiu que a indústria e também a agricultura se modernizassem, aumentando a produção e diminuindo a necessidade de mão-de-obra, o que aumentou a situação de desemprego, empobrecimento e miséria das classes mais baixas. Com a falta de alternativas e expectativas de um futuro melhor, muitas famílias pomeranas decidiram emigrar, a maioria para os Estados Unidos, mas muitas delas também para o Brasil¹².

Outro fator para a emigração era político. Reinava grande insatisfação em alguns círculos, ansiosos por independência e autonomia em relação ao domínio absolutista dos grandes proprietários e do Estado burocrático. Até 1871 não havia um Império Alemão Unificado. O assim chamado *Deutscher Bund* era composto por vários estados alemães sem expressividade política, o que tornava países como Brasil, grandes em território e com necessidade de desenvolvimento, atraentes. Empresários frustrados em seus empreendimentos e pessoas que almejavam um progresso econômico também optaram por emigrar. Muitos também tomaram conhecimento das boas oportunidades e do progresso que faziam parentes, vizinhos e conhecidos já emigrados através de cartas. Por fim, o próprio governo brasileiro enviava agentes de imigração para a Europa

¹² Apesar de a maioria dos pomeranos que se estabeleceram no Brasil provir da Pomerânia Oriental não se pretende cair no erro de fazer generalizações e deixar de considerar os pomeranos originários da Pomerânia Ocidental, que mesmo em menor número, também emigraram para o Brasil. As fontes consultadas comprovam a presença de pomeranos da Pomerânia Ocidental emigrados ao Brasil desde 1842, ou seja, bem antes das maiores levas de imigrantes pomeranos originários da Pomerânia Oriental. Sobre isso ver LAST, Arne. *Die Auswanderung von Pommern nach Brasilien im 19. Jahrhundert*. Já no ano de 1824, juntamente com presos e moradores de casas de correção de Mecklenburg, que através de um contrato entre os governos brasileiro e da província de Mecklenburg emigraram para o Brasil, vieram alguns pomeranos. Cf. DREHER, Martin Norberto. *Sträflinge aus Mecklenburg-Schwerin und die Anfänge deutscher Einwanderung in Brasilien*, p. 132, 165, 185. Os maiores grupos de imigrantes pomeranos emigraram, no entanto, entre os anos de 1858 e 1875, principalmente para os Estados do Rio Grande do Sul (São Lourenço do Sul, Nova Petrópolis, Santa Cruz do Sul), Santa Catarina (Blumenau, Brusque, Dona Francisca-Joinville, alguns em Santa Isabel) e Espírito Santo (Santa Isabel, Santa Leopoldina). Destas colônias eles logo se espalharam através de movimentos migratórios para outras colônias recém-fundadas.

com vistas a atrair imigrantes para o país. As encantadoras promessas feitas por estes agentes de imigração nem sempre eram verdadeiras, mas atraíram muitos imigrantes ansiosos por uma nova vida.

Outro fator de emigração particularmente interessante para o enfoque dado a esta pesquisa é o religioso, ainda que ele não assuma a mesma importância que os fatores econômicos acima citados. Já no ano de 1534 a Reforma havia sido introduzida na Pomerânia através de decisão da câmara de Treptow e com a participação do reformador Johannes Bugenhagen, conhecido como Dr. Pomeranus¹³. Inicialmente as cidades e depois a nobreza, através dos duques pomeranos, aderiram à Reforma. De acordo com o sistema feudal, os súditos deveriam seguir a fé dos seus senhores e por esse motivo a Pomerânia se tornou luterana. No início do século XIX, entretanto, diante de um cristianismo que havia se tornado superficial e aferrado ao racionalismo, surgiram grupos bíblicos de reavivamento espiritual em Stettin e na ilha de Rügen, que logo se espalharam pelos distritos de Schlawe, Wollin, Naugard, Greifenberg, Stolp, Kolberg-Körlin e Dramburg na Pomerânia. Quando o rei prussiano Frederico Guilherme III proclamou no ano de 1817 a união das igrejas reformada e luterana numa *Igreja Unida* os membros luteranos desse movimento de reavivamento na Pomerânia e na Silésia viram na união uma afronta à sua fé luterana e se separaram da Igreja Unida estatal, formando assim uma comunidade luterana livre em Breslau, na Silésia, no ano de 1830. Por causa do seu rigoroso confessionalismo luterano, os membros dessas

¹³ Ele ficou encarregado de formular um regulamento para a igreja, que foi publicado em 1535 em Wittenberg: *Kercken-Orderinge des gantzen Pamerlandes 1535*. Die pommersche Kirchenordnung. Text mit Übersetzung, Erläuterung und Einleitung von BUSKE, Norbert. Greifswald und Schwerin: Helms. Atribui-se a ele também a primeira tradução da Bíblia na versão de Lutero no assim chamado baixo alemão no ano de 1533/1534. Trata-se da Lübecker Bibel: *De Biblie vth der vthlegginge Doctoris Martini Luthers yn dyth düdesche vlitich vthgesettet mit sundergen vnderichtingen also men seen mach*. Lübeck, 1533. A conhecida Barther Bibel editada em 1588 é uma edição revisada da Lübecker Bibel, atribuída a Johannes Bugenhagen. Esta edição se tornou muito conhecida na Pomerânia. Edições posteriores da mesma obra provavelmente foram trazidas por alguns pomeranos ao Brasil. No entanto, a tradução foi realizada por outros tradutores, tendo Bugenhagen apenas acompanhado o processo nas partes mais complicadas. Sobre isso GOEZE, Johann Melchior. *Versuch einer Historie der gedruckten niedersächsischen Bibeln vom Jahr 1470 bis 1621*, p. 152ss, 204ss.

comunidades luteranas livres passaram a ser chamados de *Altlutheraner* (antigos luteranos). O governo prussiano passou a persegui-los, proibindo seus cultos, suspendendo ou prendendo seus pastores e confiscando suas igrejas. Como toda tentativa junto ao governo para exercer a fé com autonomia lhes foi negada, muitos decidiram emigrar para os Estados Unidos, alguns para o Brasil, onde acreditavam poder exercer sua fé com liberdade¹⁴. No entanto, é importante frisar que a maioria dos pomeranos aderiu à Igreja Unida.

Mesmo assim, é possível reconhecer a presença de alguns membros dessas comunidades luteranas livres em áreas de colonização pomerana no Brasil, pois provavelmente foram eles que tiveram a iniciativa de realizar cultos domésticos em casas antes da chegada de pastores e missionários, seguindo o modelo conhecido na Pomerânia. Possivelmente alguns deles também foram responsáveis pela formação de comunidades livres em colônias de imigração pomerana no sul do Rio Grande do Sul, existentes até hoje (como em Picada Moimho e Harmonia, região de São Lourenço do Sul). Estas resistiram a uma filiação ao Sínodo Riograndense, principalmente ao Consistório Evangélico prussiano em Berlim, ao qual a partir de 1900 as comunidades evangélicas no exterior podiam afiliar-se. Estas duas hipóteses carecem, no entanto, de pesquisas mais aprofundadas.

A fé evangélico-luterana foi um fator de resiliência na superação de adversidades desde o início da colonização até o período posterior à Segunda Guerra Mundial

Antes de proceder-se a análise da fé evangélico-luterana como fator de resiliência é importante esclarecer o que se entende pelo termo *evangélico-luterano*. Importante se faz aqui em primeira linha uma análise histórica. Na época da emigração mais de 90% dos pomeranos eram

¹⁴ Mais sobre o assunto CLEMENS, Lieselotte. Idem, p. 16, 20-22, 73, 77, 97 e MÜHLE, Rainer. Zur Geschichte der Auswanderung aus Pommern im 19. Jahrhundert. In: KARGE, Wolf; RAKOW, Peter-Joachim; WENDT, Ralf. (Org.) *Ein Jahrtausend Mecklenburg und Vorpommern*, p. 265f.

luteranos, com todas as suas nuances. Alguns eram extremamente confessionalistas, a maioria, porém, aderiu à *União* acima mencionada sem problemas e, de acordo com a tradição prussiana, se autodenominavam *evangélicos*, assim como também os *reformados* e *unidos* o faziam¹⁵. Isso de certa forma esclarece porque algumas comunidades *evangélicas* nas colônias pomeranas reuniam tanto membros *luteranos* da Pomerânia quanto *reformados* provenientes da Holanda, da Suíça e de Luxemburgo. Os pastores e missionários alemães que nelas atuavam eram *evangélicos*, também chamados de *unidos*, pois eram em sua maioria enviados através da Igreja Unida da Prússia, a qual comunidades luteranas e reformadas podiam afiliar-se. Tanto luteranos como reformados eram herdeiros da Reforma, mas apesar de concordarem com várias questões essenciais à fé cristã de acordo com o Evangelho, discordavam na compreensão de alguns aspectos doutrinários.

Com a chegada de missionários *luteranos* a partir de 1897, no entanto, muitos membros pomeranos se identificaram com seu confessionalismo luterano mais rígido, ou pelo menos com o perfil dos missionários luteranos, principalmente os Altlutheraner, e passaram a denominar suas comunidades de *luteranas* ou de *evangélico-luteranas*. Muitas comunidades em Santa Catarina e no Espírito Santo chegaram a dividir-se por causa de conflitos entre *evangélicos* e *luteranos*. Na perspectiva dos membros pomeranos, no entanto, a compreensão do que significa fé evangélico-luterana era muito mais pragmática. O cultivo da fé evangélico-luterana individual e/ou familiar acontecia em muitas famílias através da leitura bíblica e de devocionários, bem como através dos hinos do hinário. Logo, porém, eles sentiram a necessidade de reunir-se em uma comunidade de fé onde poderiam ser celebrados Cultos, Sacramentos (Batismo e Santa Ceia) e Ofícios (Confirmação, Bênção Matrimonial e Sepultamento) e onde suas crianças fossem instruídas na fé cristã de acordo com o Catecismo Menor. Já que nos primeiros anos de colonização ainda não havia pastores ordenados na grande maioria das colônias, eles se adaptaram a situação e escolhiam alguém de seu meio que assumisse essas funções. Como suas casas começaram a ficar pequenas para

¹⁵ WACHHOLZ, Wilhelm. Luteranismo no Brasil: trajetórias e desafios. In: *Estudos Teológicos* v. 49, n. 2: Jul./dez. 2009, São Leopoldo, p. 180-206, p. 182f.

o número crescente de membros, começaram a formar mutirões para a construção de capelas, escolas e igrejas. A história de fé das famílias pomeranas está, portanto, intrinsicamente ligada à participação em cultos, aos ofícios eclesiais e ao engajamento prático na comunidade de fé através dos mutirões, nos grupos que surgiam na comunidade e na diretoria. São esses aspectos que eles mencionam ao descrever sua fé evangélico-luterana. E é nessa participação e engajamento comunitários que eles cultivavam sua fé e nela encontraram forças para superar as adversidades.

Nesse ponto faz-se necessária uma diferenciação entre as próprias famílias pomeranas em relação à sua fé evangélico-luterana. Basicamente toma-se a análise do Pastor Nelso Weingärtner¹⁶ como fundamento, fazendo-lhe alguns acréscimos e modificações com base no material pesquisado. Havia um primeiro grupo de imigrantes com uma fé evangélico-luterana caracterizada por um forte pietismo e confessionalismo, influenciados provavelmente pelas experiências com grupos de reavivamento na Pomerânia. Majoritariamente entre eles, mas não exclusivamente, recrutavam-se os pastores leigos. Estes de fato se empenhavam pela realização de cultos domésticos e cultivavam uma rígida piedade em seus lares, através de regular meditação bíblica. Em seguida temos um segundo grupo, seguramente a grande maioria, que não assumia a iniciativa para a realização de cultos sem a presença de pastores, mas participava dos mesmos assim que eles eram organizados. Estas famílias também manifestavam um grande engajamento prático, principalmente na construção de igrejas, escolas, etc. Eram os assim chamados membros tradicionais, que ajudavam quando necessário e davam grande importância aos ofícios religiosos. O cultivo de uma piedade familiar ou individual através de meditações podia ou não ser rotina em seus lares. Um terceiro grupo abarca aqueles para os quais a comunidade e a igreja eram, por assim dizer, necessários. Este grupo é muitas vezes ignorado de acordo com uma descrição idealizada dos pomeranos, segundo a qual todos seriam sempre piedosos e engajados. Estas famílias eram aparentemente indiferentes ao cultivo de sua fé, vendo na comunidade

¹⁶ WEINGÄRTNER, Nelso. *150 Anos de Presença Luterana no Vale do Itajaí. 1850-2000*, s. 22.

e na igreja uma instituição para a realização de ofícios necessários. Não se importavam com a ausência de cultos regulares, nem se engajavam ao lado dos demais nos mutirões para construções comunitárias, embora quisessem usufruir dos mesmos direitos. Uma contribuição regular para a comunidade era contestada frequentemente, alguns nem chegavam a se inscrever como membros ativos, contentando-se a pagar taxas fixas estabelecidas para a realização de ofícios. Dentre eles muitos traziam experiências frustradas com a Igreja na Pomerânia, que estava muito ligada aos senhores feudais.

Essa classificação não pretende ser absoluta, e por vezes um grupo pode sobrepor-se a outro. Ela quer apenas ajudar a diferenciar as diversas formas de dar expressão à fé evangélico-luterana. Faz-se aqui, no entanto, a ressalva de que o comportamento exterior não pode ser visto como único critério para avaliar a intensidade da fé evangélico-luterana dos imigrantes pomeranos e seus descendentes, até porque a fé constitui um elemento muito subjetivo, difícil de ser avaliado, principalmente diante das poucas fontes disponíveis na forma de relatos de colonos e imigrantes. Mesmo assim, o engajamento comunitário e a devoção particular ou familiar são importantes critérios que dão expressão à importância da fé evangélico-luterana para estas famílias.

Na superação das condições adversas e desanimadoras no isolamento das colônias, que normalmente não dispunham de médicos, pastores e professores, muito menos de igreja, escola ou hospitais a fé evangélico-luterana assumiu uma função resiliente muito importante para os imigrantes pomeranos¹⁷, em maior ou menor grau: ela trouxe esperança e conforto. Principalmente nos momentos limítrofes da vida, por exemplo, em momentos de doença ou na perda de um ente querido. Nesses momentos, para todos os grupos acima mencionados, pessoas eram fortalecidas

¹⁷ Aqui não se pretende excluir os demais imigrantes que, ao lado dos pomeranos, enfrentavam as mesmas dificuldades e manifestavam o mesmo anseio por uma vida comunitária e de fé. Para uma abordagem mais direcionada optou-se pela escolha do caso dos pomeranos. Reconhece-se, porém, a dificuldade de separar os demais grupos de imigrantes que, ao longo dos anos, foram assimilados através de casamentos por uma maioria pomerana, como no Espírito Santo, ou se integraram aos demais, como em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, dependendo do grau de colonização mista de cada colônia.

em sua fé ou consoladas através de uma oração, de uma mensagem bíblica, de um hino cristão e também com a presença de outras pessoas que partilhavam da mesma fé e eram solidárias em meio à dor. Apegando-se à sua fé, essas pessoas não puderam evitar a dor, mas torná-la mais suportável, de modo que ela pudesse ser canalizada e superada. Também os ofícios religiosos, que assumiam a função antropológica de ritos de passagem, ajudavam os imigrantes pomeranos e seus descendentes a organizarem as diferentes fases de sua vida de acordo com as funções de cada faixa etária: batismo, início da vida cristã e apresentação à comunidade de fé; confirmação, término da instrução escolar e passagem para a fase adulta; bênção matrimonial, formação de um novo núcleo familiar em uma nova propriedade rural; sepultamento, despedida. Particularmente nesse momento as pessoas sentiam falta de uma comunidade, pois desejavam um sepultamento digno para os seus familiares.

Primeiramente nos barracões de imigrantes, mas também nas casas ou nas primeiras capelas ou escolas construídas de forma provisória eram realizados os já mencionados cultos de leitura, nos quais o diretor da colônia¹⁸ ou um imigrante fazia a leitura de textos bíblicos e de uma mensagem e cantava juntamente com a comunidade reunida. Granzow relata:

Bancos são trazidos para a grande sala e o altar é montado sobre a mesa. O texto bíblico é lido e interpretado a partir do livro de prédicas. Com voz alta cantam todas as inúmeras estrofes dos hinos da igreja do hinário alemão¹⁹.

Apesar da distância até a igreja, por vezes até mais do que seis horas a pé, essas famílias se alegravam em poder se reunir em comunidade, regularmente ou pelo menos em ocasiões festivas no calendário da Igreja, como Sexta-feira Santa, Páscoa, Pentecostes, Natal ou Festa da Colheita. Segundo o imigrante Emil Manke:

¹⁸ WEINGÄRTNER, Nelso. *150 Anos de Presença Luterana no Vale do Itajaí. 1850-2000*, p. 12.

¹⁹ GRANZOW, Klaus: *Pommeranos unter dem Kreuz des Südens*, p. 116. Tradução própria.

E como os homens de então eram gratos quando, algumas vezes (sic) por ano, podiam reunir-se em culto na primeira igreja, para realizarem culto. Quase não houve ninguém que não comparecesse. A igreja havia dado aos colonos um auxílio decisivo, fornecendo-lhes a força moral para se oporem à selva, sem sucumbir nela²⁰.

De acordo com o professor Ehlert, de Pomerode (SC):

A educação que possuíam (sic), era severamente religiosa e estavam habituados, ainda de sua antiga pátria, a visitarem aos domingos o culto religioso, onde, na palavra de Deus, **buscavam algum conforto e obtinham novas energias para tornarem a enfrentar a difícil tarefa diária**. Esse costume também aqui foi posto em tática²¹.

A fé evangélico-luterana adquiriu, nesse sentido, uma função social muito importante. Enquanto durante a semana todos os integrantes da família se dedicavam exclusivamente ao trabalho, o domingo de culto quebrava a rotina e permitia que as diferentes famílias da colônia se encontrassem para conversar, desabafar e se ajudar mutuamente quando necessário. A partir desses encontros comunitários eram discutidos também os problemas que afligiam todos os moradores da colônia. Para resolvê-los, as pessoas trocavam ideias e distribuíam ou assumiam diferentes funções entre si: um grupo ficava encarregado de construir uma escola, outra pessoa, com conhecimentos práticos em medicina caseira atuava como parteira e/ou médico, alguém assumia as funções de cozeiro, outro grupo se reunia para organizar a compra de um terreno e construir um cemitério comunitário evangélico-luterano, etc. Não demorou muito para que, depois de superadas as primeiras dificuldades e com a ajuda dos pastores já chegados, os imigrantes e seus descendentes se organizassem para a construção de hospitais, asilos, orfanatos, etc. e contratassem professores, parteiras, enfermeiras e

²⁰ WEINGAERTNER. Aus der Geschichte der Gemeinde Itoupava Central. In: EVANGELISCHE SYNODE VON SANTA CATARINA UND PARANÁ. *Unsere Väter*, p. 68-75, p. 71.

²¹ EHLERT, Johann. Erinnerungen eines geborenen Testaners. In: EVANGELISCHE SYNODE, Idem, p. 76-87, p. 77.

diáconos com formação para administrar tais instituições. A partir de muitas comunidades ou ao lado delas eram formados grupos de canto, sociedades culturais e recreativas, de modo que a comunidade evangélico-luterana se tornou, por assim dizer, o centro de irradiação de toda a vida social de determinadas colônias.

Os imigrantes pomeranos, que almejavam entre outros aspectos o exercício livre de sua fé no Brasil, tiveram de enfrentar de início algumas restrições. Por questões de espaço mencionamos apenas a construção de templos. Até a Proclamação da República no ano de 1889 a Igreja católico-romana era a religião oficial do Império brasileiro, sendo as demais denominações religiosas apenas toleradas com seu culto doméstico, em construções que não tivessem a aparência exterior de templo. Com isso entendia-se que as Igrejas não católicas não podiam construir templos com torre e sinos. No ano de 1890 foi declarada a separação de Igreja e Estado e a igualdade de direitos civis a membros de todas as confissões religiosas. Várias comunidades passaram agora a se engajar na construção de torres e na aquisição de sinos, entre elas a comunidade de Joinville (SC): “A República nos deu liberdade de culto! Vamos mostrar-nos digno (sic) dela! Embelezemos nossa igreja com um campanário com sinos! Avante ao trabalho! Com Deus e unidos no trabalho”²².

Na verdade já antes da Proclamação da República muitas comunidades adquiriram sinos e os instalavam em campanários construídos ao lado da igreja. Essa atitude parece não ter causado problemas com as autoridades, pois não há registros de aborrecimentos por causa da aquisição de sinos. No entanto algumas comunidades foram mais longe e construíram também torres nas igrejas, algumas delas cientes dos rumos que a política estava tomando no país e que levariam à separação de Igreja e Estado²³. Esse foi o caso nas comunidades de Santa Maria (RS), onde primeiramente surgiu um desentendimento com as autoridades, e Campinho (ES) no ano de 1887. A comunidade de Timbó (SC) também se arriscou e deu início à construção da sua igreja com torre ainda antes da República, mas ela só seria inaugurada em 1890. Para os imigrantes

²² FLOSS, Max-Heinrich. Wie war's nun eigentlich mit Turm und Glocken? In: Idem, p. 205.

²³ WEINGÄRTNER, Nelso. *História da Comunidade Evangélica de Timbó*, s. 87.

evangélico-luteranos construir um templo com torres e sinos, era de certa forma dar expressão concreta à importância de sua fé. Mais uma vez foi necessário um trabalho de mutirão para a construção da torre, homens carregavam os pesados sinos durante horas por picadas e estradas estreitas²⁴ ou com a ajuda de carros de boi. Muitos membros se emocionavam ao ouvir o soar dos sinos pela primeira vez na torre da igreja²⁵.

Outro aspecto que não pode ser desconsiderado é que no Brasil sempre existiram partidos e grupos nacionalistas contrários à imigração e colonização de áreas pouco povoadas com estrangeiros. Estes ganharam ainda mais força com a criação do Estado Liberal em 1889. Por detrás de sua oposição havia o temor de que os imigrantes e seus descendentes, principalmente alemães, pudessem introduzir no país os ideais alemães. Com a expansão do colonialismo, os grupos nacionalistas passaram a encarar os imigrantes e seus descendentes como um *perigo alemão*²⁶.

Quando o Brasil declarou guerra à Alemanha em 1917, várias medidas nacionalistas começaram a ser impostas aos imigrantes e seus descendentes no país: escolas alemãs nas colônias foram fechadas, pastores em férias na Alemanha não puderam retornar, deixando suas comunidades vacantes, o auxílio financeiro mantido pela Alemanha às comunidades foi suspenso, jornais e periódicos comunitários em língua alemã foram proibidos, algumas igrejas foram depredadas²⁷, o culto em algumas localidades precisou se restringir à parte litúrgica com a leitura de uma prédica em português²⁸, etc. Apesar das restrições ao culto, que até então era realizado em língua alemã nas comunidades, os cultos foram

²⁴ SOBOLL, Heinz Friedrich. *Esel und Pastoren im Land des Heiligen Geistes*, s. 63-65.

²⁵ Cf. FLOSS, Max-Heinrich. Idem, p. 206, 208 e SOBOLL, Idem, s. 68.

²⁶ A teoria do *perigo alemão* baseia-se na suposição de que a Alemanha teria interesses pangermanistas e expansionistas em relação às colônias do sul do Brasil, para onde a imigração alemã passou a ser dirigida a partir do final do século XIX e onde os descendentes de imigrantes supostamente teriam melhor conservado a língua e a cultura alemãs. Sobre isso ver o interessante trabalho de PERAZZO, Priscila Ferreira. *O Perigo Alemão e a Repressão Policial no Estado Novo*.

²⁷ Cf. KRAUSE, Henrique. *Lutherische Synode in Brasilien*. Erlangen: 1993, p. 150s.

²⁸ Veja Relatório do P. Braunschweig em 14.5.1918. EZA 5/2455 Bl 189, também Brief des Vorstandes der Riograndensynode N° 948 an den Herren Pastoren und Lehrern der Synodengemeinden, Porto Alegre, 21.11.1917. In: Arquivo Histórico da IE-CLB em São Leopoldo, SR 6/5 045; SR 13/5 084.

por vezes até mais bem visitados do que antes²⁹. Nota-se que, após os primeiros anos de colonização, quando a maioria dos imigrantes e seus descendentes já haviam superado os maiores desafios, houve certo esfriamento da fé em algumas comunidades constituídas, já que tudo estava aparentemente bem organizado, não havendo mais a necessidade de tanto trabalho. No entanto, diante das restrições causadas pela Primeira Guerra Mundial muitas pessoas passaram a dar uma nova importância à sua fé. Onde não havia mais pastor ou professor ou alguém da comunidade assumia novamente as funções pastorais.

Quando Getúlio Vargas assumiu o governo e implantou o Estado Novo (1937-1945) as medidas de nacionalização se tornaram ainda mais severas. Elas se fizeram sentir com maior expressividade nas escolas comunitárias alemãs nas colônias, onde as crianças ainda eram socializadas no idioma alemão. Várias leis e decretos foram expedidos proibindo o uso da língua alemã nas escolas, o ensino das disciplinas básicas por professores ou pastores que não dominassem a língua portuguesa, mais tarde o exercício do magistério por pessoas não nascidas no Brasil. Como muitas escolas comunitárias não conseguiram se adaptar às normas estabelecidas, foram simplesmente fechadas. Essas medidas atingiram o seio das comunidades protestantes, pois elas mantinham uma forte ligação entre escola e igreja. Principalmente nas comunidades do Espírito Santo o ensino escolar estava bastante atrelado ao Ensino Confirmatório.

Em 1942 o Brasil mais uma vez declarou guerra à Alemanha, agora durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Além do agravamento das restrições acima mencionadas, os imigrantes pomeranos e seus descendentes sofreram uma dura perseguição. O simples fato de se comunicar em língua alemã ou pomerana era considerado ato de traição ao país, pois todos foram indistintamente considerados *nazistas*. Igrejas foram incendiadas, depredadas, objetos sacros saqueados³⁰, cultos interrompidos por soldados³¹, algumas igrejas foram fechadas ou tomadas pela polícia. Como os inúmeros decretos nem sempre eram levados a

²⁹ Cf. Schreiben an den Oberkirchenrat in Berlin vom 28.3.1919. EZA 5/2483, Bl 364.

³⁰ Rascunho de uma carta do Pastor Dohms ao chefe de polícia in Porto Alegre, Darcí Vignoli. In: Arquivo Histórico da IECLB, SR 15/7 016.

³¹ SEIBEL, Idem, p. 514f.

efeito com o mesmo rigor pelas autoridades ou eram interpretados ora de forma branda, ora de forma mais severa, dependendo da relação de amizade entre presidentes de comunidades e pastores com as autoridades, ninguém sabia quando estava infringindo a lei. Não havia determinações legais unânimes para todo país, o que aumentava ainda mais a confusão. Sendo assim, algumas comunidades puderam continuar celebrando seus cultos, às vezes até em língua alemã, com exceção da prédica, que tinha de ser em língua portuguesa. Em alguns locais permitia-se, no entanto, um curto resumo da mesma em alemão. O culto de leitura em português, instituído em outros locais com fiscalização mais severa não era compreendido pela maioria dos membros. Durante este período mais uma vez alguns leigos assumiram as funções pastorais e zelaram pela continuidade da vida comunitária³²:

Muitos membros da comunidade se reuniam entre si em cultos nas casas ou também nas igrejas, para **fortalecer-se mutuamente**, bem como **para expressar sua vontade de perseverar**, também sem o pastor preso – ou até a sua libertação. Batismos e sepultamentos eram realizados por um membro encarregado pela comunidade para isso³³.

Em algumas comunidades até mesmo os leigos foram proibidos de realizar cultos. Nesse caso, algumas famílias se reuniam para realizar meditações em suas casas. Em outras localidades até mesmo a Bíblia, o hinário e os livros de meditação de algumas famílias foram apreendidos, outras famílias os enterraram ou escondiam com vizinhos³⁴.

Algumas famílias com certeza desanimaram ou resignaram-se durante esse período. Nesse sentido outras, mais perseverantes serviam como esteio para que a vida comunitária continuasse, de acordo com o que ainda era permitido pela lei. Assim os membros se adaptaram à situação

³² Cf. relatos de famílias pomeranas em SEIBEL, Idem, p. 276; também EHLERT, Johann. *Erinnerungen eines geborenen Testeoaners*. In: EVANGELISCHE SYNO-DE, Idem, p. 82.

³³ GROTKKE, G. Laranja da Terra. Aus der Geschichte einer luth. Gemeinde in Espírito Santo, p. 56, citação cf. KRAUSE, Idem, p. 302. Tradução própria.

³⁴ Veja relatos de famílias pomeranas descritas por SEIBEL, Idem, p. 262s e 270.

adversa, pois possuíam uma fé que os motivava a resistir e a superar as adversidades.

O fato de que a fé evangélico-luterana continuou viva e atuante apesar das restrições e dos desafios durante os diferentes períodos da história mostra o quanto ela era significativa para os imigrantes pomeranos e seus descendentes. As dificuldades superadas com o auxílio da fé atuaram como um importante fator de resiliência, pois permitiram que membros e comunidades saíssem fortalecidos comunitariamente e espiritualmente depois da guerra, ao contrário do que geralmente se supõe. Eles aprenderam a reconhecer que a sua fé não estava condicionada a uma nação, língua ou cultura. Constata-se isso pelo fato de que os descendentes de pomeranos, que migraram para outras regiões e Estados brasileiros sem a presença da colonização alemã ou pomerana, levaram junto consigo sua fé evangélico-luterana e lá fundaram novas comunidades, não mais de fala pomerana, nem alemã, mas ainda assim comunidades evangélico-luteranas. As gerações mais novas, por sua vez, assimilaram cada vez mais a língua portuguesa e se integraram à sociedade brasileira. No entanto, nos momentos de crise e de adversidade continuaram a buscar em sua fé evangélico-luterana uma fonte de resiliência para o enfrentamento de dificuldades e na comunidade de fé um ponto de apoio para a superação de seus problemas. Nesse sentido as adversidades e desafios do passado contribuíram para o fortalecimento da fé, tornando-a mais resiliente diante de novos desafios que continuariam a surgir em novos contextos e tempos.

Referências

- AMARO, Luana da Silva. *Resiliência, religiosidade e sentido de vida em mulheres com câncer de mama*. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2014. Tese de Mestrado.
- BARTOLOMEI, Mônica. *A fé como fator de resiliência no tratamento do câncer: Uma análise do que pensam os profissionais da saúde sobre o papel da espiritualidade na recuperação dos pacientes*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica – PUC, 2008. Tese de Mestrado.
- ITIN, Peter. *Salutogenese und Resilienz – Landkarte und Techniken der prozesszentrierten Gesprächsführung*, Januar 2011.

- PECHMANN, Burkhard. Resilienz gegen Ende des Lebenslaufs oder Woher kam die Kraft?. In: SEDMAK, Clemens; BOGACZYK-VORMAYR, Małgorzata (Org.) *Patristik und Resilienz. Frühchristliche Einsichten in die Seelenkraft*. Berlin: Akademie Verlag, 2012, p. 121-137.
- WALSH, Froma. Ein Modell familialer Resilienz und seine klinische Bedeutung. In: WELTER-ENDERLIN, Rosmarie; HILDENBRAND, Bruno (Org.). *Resilienz – Gedeihen trotz widriger Umstände*. Heidelberg: Carl-Auer Verlag, 2010, p. 43-79.
- WELTER-ENDERLIN, Rosemarie. Einleitung: Resilienz aus der Sicht von Beratung und Therapie. In: WELTER-ENDERLIN, Rosmarie; HILDENBRAND, Bruno (Org.). *Resilienz – Gedeihen trotz widriger Umstände*. Heidelberg: Carl-Auer Verlag, 2010, p. 7-19.
- WERNER, Emmy E. Wenn Menschen trotz widriger Umstände gedeihen – und was man daraus lernen kann. In: WELTER-ENDERLIN, Rosmarie; HILDENBRAND, Bruno (Org.). *Resilienz – Gedeihen trotz widriger Umstände*. Heidelberg: Carl-Auer Verlag, 2010, p. 28-42.
- ZANDER, Margherita. Einleitung in: ZANDER, Margherita; ROEMER, Martin (Org.). *Handbuch Resilienzförderung*. Wiesbaden: Verlag für Sozialwissenschaften/Springer, 2011.
- Arquivo Histórico da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil in São Leopoldo, Atas: SR 6/5 045; SR 13/5 084; SR 15/7 016.
- Arquivo da Igreja Evangélica da Alemanha em Berlin, Atas EZA 5/2483; EZA 5/2455.
- CLEMENS, Lieselotte. *Die Auswanderung der pommerschen Altlutheraner in die USA*. Ablauf und Motivation 1839-1853. Hamburg: Pommerscher Zentralverband e.V., 1976.
- DREHER, Martin Norberto. *Sträflinge aus Mecklenburg-Schwerin und die Anfänge deutscher Einwanderung in Brasilien*. São Leopoldo: Oikos, 2010.
- EHLERT, Johann. Erinnerungen eines geborenen Testaners. In: EVANGELISCHE SYNODE VON SANTA CATARINA UND PARANÁ. *Unsere Väter. Ein Heimatbuch, in dem wir aus unserer hundertjährigen Geschichte hören*. Bearbeitet von FLOSS, Max-Heinrich. São Leopoldo: Rotermund & Cia. Ltda, 1961, p. 76-87.
- FLOSS, Max-Heinrich. Wie war's nun eigentlich mit Turm und Glocken? In: EVANGELISCHE SYNODE VON SANTA CATARINA

- UND PARANÁ. *Unsere Väter. Ein Heimatbuch, in dem wir aus unserer hundertjährigen Geschichte hören*. Bearbeitet von FLOSS, Max-Heinrich. São Leopoldo: Rotermund & Cia. Ltda., 1961, p. 200-209.
- GOEZE, Johann Melchior. *Versuch einer Historie der gedruckten niedersächsischen Bibeln vom Jahr 1470 bis 1621*. Halle: Gebauer, 1775.
- GRANZOW, Klaus: *Pommeranos unter dem Kreuz des Südens. Deutsche Siedler in Brasilien*. Tübingen/Basel: Horst Erdmann Verlag, 1975.
- KRAUSE, Henrique. *Lutherische Synode in Brasilien. Geschichte und Bekenntnis der Evangelisch-Lutherischen Synode von Santa Catarina, Paraná und anderen Staaten Brasiliens*. Erlangen: Verlag der Ev-Luth. Mission, 1993.
- LAST, Arne. *Die Auswanderung von Pommern nach Brasilien im 19. Jahrhundert*. Greifswald: Ernst-Moritz-Arndt-Universität, 2011. Tese de Mestrado.
- LUBINSKI, Axel. *Entlassen aus dem Untertanenverband. Die Amerika-Auswanderung aus Mecklenburg-Strelitz im 19. Jahrhundert*. Osnabrück: Universitätsverlag Rasch, 1997.
- MÜHLE, Rainer. Zur Geschichte der Auswanderung aus Pommern im 19. Jahrhundert. In: KARGE, Wolf; RAKOW, Peter-Joachim; WENDT, Ralf. (Org.) *Ein Jahrtausend Mecklenburg und Vorpommern*. Biographie einer Norddeutschen Region in Einzeldarstellungen. Hinstorff/ Rostock, 1995, p. 263-271.
- PERAZZO, Priscila Ferreira. *O Perigo Alemão e a Repressão Policial no Estado Novo*. São Paulo: Divisão de Arquivo do Estado, 1999.
- SEIBEL, Ivan. *Imigrante no século do isolamento/1870-1970*. Traço – Produções Gráficas, São Leopoldo, 2010.
- SOBOLL, Heinz Friedrich. *Esel und Pastoren im Land des Heiligen Geistes*. São Paulo: Artebr, 2011.
- WACHHOLZ, Wilhelm. Luteranismo no Brasil: trajetórias e desafios. In: *Estudos Teológicos* v. 49, n. 2: Jul./dez. 2009, São Leopoldo, p. 180-206.
- WEINGÄRTNER, Nelso. *150 Anos de Presença Luterana no Vale do Itajaí. 1850-2000*. Blumenau: Otto Kuhr, 2000.
- WEINGÄRTNER, Nelso. *História da Comunidade Evangélica de Timbó*. Blumenau: Otto Kuhr, 2008, s. 87.
- WEINGAERTNER. Aus der Geschichte der Gemeinde Itoupava Central. In: Evangelische Synode von Santa Catarina und Paraná (Org.).

Unsere Väter. Ein Heimatbuch, in dem wir aus unserer hundertjährigen Geschichte hören. Bearbeitet von FLOSS, Max-Heinrich. São Leopoldo: Rotermund& Cia Ltda, 1961, p. 68-75.

WUSTMANN, Corina. *Resilienz. Widerstandsfähigkeit von Kindern in Tageseinrichtungen fördern.* Berlin: Cornelsen Verlag Scriptor GmbH & Co. KG, 2004.

Submetido em: 05/05/2016

Aceito em: 28/06/2016